

SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

OS SALDINES



SÃO PAULO
1924

SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

148.º SARAU

THEATRO MUNICIPAL

REPRESENTAÇÃO DO DRA-
MA LYRICO EM 3 ACTOS

OS SALDUNES

DE

LEOPOLDO MIGUEZ

LETRA DE

COELHO NETTO

DA ACADEMIA BRASILEIRA, TRA-
DUZIDO PARA O ITALIANO POR

H. MALAGUTTI

PELA

COMPANHIA LYRICA "WALTER MOCCHI"

TERÇA-FEIRA, 23 DE
SETEMBRO DE 1924

SÃO PAULO



1924

SECCÃO DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

SÃO PAULO

OS S A L D U N E S

PRIMEIRO ACTO

DESPERTA a madrugada em uma bella manhã de primavera, e o sol illumina uma vasta sala de interior gaulez, abrindo ao fundo duas largas portas para o trigal. Armas pelos muros, instrumentos de lavoura a um canto. Joel, o velho chefe da tribu de Carnac, na Gallia bretã, sentado á porta, ouve o canto dos camponezes que ao longe seguem para o trabalho; volta-se depois para ouvir as donzellas que vêm saudal-o cantando os louvores da primavera. Elle fala tambem de outros beneficios dessa estação sobre a velhice, reaccendendo-lhe a extincta chamma. Interrompe-se o clamor que se ouve fóra. E' Mikael, seguido pelos rusticos, que traz a nõva da invasão romana; parece o genio da guerra a incitar os homens para os prelios gloriosos; narra ao velho chefe os primeiros desastres da invasão; os rusticos interrompem-no com acclamações para a guerra; as donzellas invocam Hesús.

Joel que ouvira acabrunhado e triste a narrativa, confia no valor gaulez, e manda chamar ás armas pastores e lavradores em defesa da patria e que "na selva sacra, armada e forte, se reuna a Gallia combatente". As donzellas supplicam a protecção de Hesús, o deus da guerra, em favor dos

gaulezes. A impressão de paz, alegria e felicidade da primeira scena dissipou-se; todos sáem, ouve-se ao longe o hymno de guerra dos gaulezes. Joel fica só, preocupado; sente-se abatido, enfraquecido, quando todos confiavam na sua coragem indomavel, no seu vigor invencivel: depõe a arma que empunhára e sáe pensativo.

Como se se rasgasse uma nuvem negra, prenhe de tempestades, para deixar ver um pedaço de céu azul, entra em scena Hena, a filha de Joel, cantando as alegrias dos campos, a belleza das aves, o perfume das flores, o seu amor por Julyan, o bello gaulez, que entra para se despedir, porque vae partir para a guerra; a patria reclama o seu braço. Trocam os dois amantes phrases de amor; Hena cinge-lhe uma espada em cuja lamina elle veria a imagem della. Apparece então o companheiro de Julyan, Armel, que vem cumprir a fé jurada, ligando-se a elle por uma corrente. Sôa ao longe indistincto o canto de guerra. Armel, Julyan e Hena proferem as palavras solennes do voto dos saldunes:

“Oh! tu, Hesús, que os vis perjurios punes
E recompensas a fidelidade,
Sê cruel com aquelle dos saldunes
Que por temor, fraqueza ou deslealdade,
No momento mais grave do perigo,
Fugindo á morte e á fé covardemente,
Deixar no campo, abandonado, o amigo,
Maldito seja!”

Chega Joel; vem consagrar o voto, prendendo com a corrente um ao outro, os dois jovens guerreiros.

Entra a velha Margarida, mãe de Hena, céga, allucinada com as noticias da invasão. Aconselha ás donzellas que fujam para as montanhas escuras, onde ha menos a temer dos ursos bravios que dos guerreiros romanos; bemdiz a sua cegueira que lhe veda a visão dos horrores da guerra. —

Quem geme? pergunta ella. — E' o vento, com o triste lamento da sua dorida voz.

Kirio annuncia a approximação do inimigo; vem buscar no seu carro as mulheres e as crianças. Hena lamenta as suas esperanças perdidas e lembra a Julyan que a lamina da espada espalharia a imagem della; despedem-se os dois em um adeus commovido. Armel, que amava Hena em segredo, percebe então o amor della por Julyan, que ha pouco era o seu amigo, o seu irmão saldune e em um momento torna-se para elle um rival tanto mais odioso, porque era o preferido. Despedem-se todos e saem; as crianças cantam no carro. Joel brandindo a espada: "Agora a nós, gaulezes, pela Gallia!" Rusticos armados, guerreiros entram e em um entusiasmo bellicoso entoam o hymno de guerra. Desce o panno.

SEGUNDO ACTO

O rouxinol nocturno desfere o seu canto na densa folhagem dos carvalhos. Apparecem ao fundo Joel, Julyan e Armel, que se inclinam respeitosos ante a ara tabular. Dois montes de lenha aguardam o sacrificio. Joel vem ver se Mikael reuniu na floresta druidica os combatentes. Toca a busina, outra responde. Joel rejubila com a resposta: "E' a voz de Ritha-Gaur...", na qual Julyan sente presagio de morte. Joel dirige-se para a floresta cantando o hymno "Pela Gallia sagrada!" Os guerreiros respondem com o hymno de guerra. Homens e mulheres atravessam, fugindo, o fundo da scena. Os Saldunes ficam sós. Julyan suspira. E' a alma que lhe geme na bocca. Sôa a busina e elle diz: "E' a voz da morte, Armel". Cada um dos Saldunes enaltece a belleza, a bondade, a perfeição da mulher que ama. Interrogam-se e Julyan deixa escapar o nome de sua adorada Hena. — Meu coração responde como um éco, diz Armel, e elle canta o

seu amor ignorado, respondendo-lhe Julyan com a confissão de que Hena é sua noiva.

Vem o cortejo de druidas, bardos, ewhag'hs, guerreiros, druidizas, um mancebo e uma virgem, victimas destinadas á cerimonia religiosa do sacrificio. Cantam o mancebo e a virgem a sua prece e cáem victimados pelo malag de um ewhag'h.

Entra Margarida acompanhada de suas filhas; a misera céga errava pela floresta; transida de frio, abatida pela fadiga e pela tristeza de ver a ruina do lar e da familia gauleza. Joel e Julyan vêem Margarida e Hena e correm-lhes ao encontro. Julyan e Hena abraçam-se num transporte indizível, enquanto que Armel, preso a Julyan pela corrente, segue-o contendo a custo o seu odio. Joel commove-se lamentando a pobre céga, e prevendo novos desastres. Julyan e Hena repetem os seus juramentos de amor, receiosos de que a morte os separasse.

Chega Mikael; vem dizer que o inimigo se avizinha e que os gaulezes, armados, apenas esperam os seus chefes. Deante de Joel todos se prostram, invocando Hesús, o deus dos combates, e implorando a victoria das armas gaulezas. Só Margarida se lamenta. Os ewhag'hs accendem os montes de lenha, onde estavam as victimas; sôam os "coinyx": está consummado o sacrificio! Ao clarão das fogueiras os bardos entôam cantos de guerra e os guerreiros aprestam-se a partir para a luta. Sáem todos para a floresta, ficando sós Julyan, que acena amorosamente para longe, onde desapparecia a sua noiva adorada, e Armel, ao seu lado, odiento, raivoso, com uma alegria satânica de triumpho.

Ignorando o que se passa na alma de seu irmão saldune, Julyan volta-se, afinal, para elle, estendendo-lhe a corrente com que iam se unir para o combate.

Desce o panno.

TERCEIRO ACTO

Campo devastado pelo incendio; aqui e alli troncos negros, carbonizados, e ao longe, asperas montanhas, limitando o horizonte. A' esquerda, uma caverna, bocca hiante de granito. Amanhece. Margarida, andrajosa, esqueletica, sentada á entrada da caverna, lamenta a floresta devorada pelo incendio; chora os seus, que succumbiram na guerra. A primavera voltará e com ella o arvoredos, as flores; mas os seus filhos... nunca mais!

Hena entra lentamente, andrajosa, descalça, sempre bella, trazendo no calix de um lyrio um pouco de agua, que dá a beber á sua mãe, convidando-a a repousar. A céga não attende e julga ouvir tropel dos inimigos; a filha tranquilliza-a: era o vento que gemia nos reconcavos da caverna. Margarida chama por vezes Joel, acreditando ouvir:

“ Bem ouvi que responderam,
Mas, foi aqui, dentro em mim...”

Abatidos, desfigurados, em pobreza extrema, atravessam a scena, ao fundo, druidas, ewhag'hs, druidizas, bardos, rusticos, invocando Hesús. Ferido e amparado por outros guerreiros, passa Mikael entoando com voz sumida o Hymno de Guerra dos Gaulezes. Entram Julyan e Armel que voltam do campo da batalha. Armel, apertando o peito com a mão, apoia-se a Julyan. Pára e deixa-se cahir sobre uma pedra ao peso da sua desgraça de ficar no mundo algemado ao seu odio. Julyan aproxima-se e faz ver ao seu companheiro a desolação que os rodeia: as cinzas succederam aos campos em flor. Pasmam ambos ouvindo uma voz que partia da gruta e que elles reconhecem. E' a voz de Hena, filha de Joel. Julyan rejubila com a ventura inesperada de tornar a

ver a sua adorada noiva; Armel desespera-se e lança ao seu companheiro a ameaça de morte.

Emquanto Julyan, tendo Hena nos braços, conta-lhe os ultimos momentos do heroico Joel, Armel rasga a ferida que tinha no peito para, escapando-se-lhe a vida, cavar a sepultura do seu companheiro que jurára, no voto de saldune, acompanhal-o na morte. Prestes a morrer, diz Armel a Julyan:

“Se um de nós succumbir, que o outro succumba!

Que um seja do outro como a propria sombra...”

Luta terrivel se passa no coração de Julyan entre as lagrimas de Hena, que lhe supplica viver, e as imprecações de Armel, que, rememorando o juramento fatal de saldune, cáe e expira.

Margarida, da caverna, chama por Hena; mas a infeliz, sem ouvir, sentindo que se approximava uma desgraça maior, roja-se aos pés de Armel implorando inutilmente o morto, que não pode mais ouvil-a. Margarida chama novamente a filha. Hena dirige-se vagarosamente para a caverna, olhando Julyan que contempla absorto o cadaver do seu companheiro. Julyan, arrancando da cinta o punhal, crava-o no proprio peito, cahindo sobre o cadaver de Armel. Hena corre allucinada, chamando aos gritos por Julyan, que lhe diz com um fio de voz:

“Foi o amor o assassino,
Ha muito me acompanhava...
Armel... te amava...”

e expira.

Hena, numa angustia cruel, chama muitas vezes por Julyan, acariciando-o meigamente. Desvairada, vae pouco a pouco arrancando do peito do seu amante o punhal que ella enterra no proprio seio, cahindo sobre o corpo de Julyan.

Invade a scena a luz da manhã. Margarida vem da caverna tacteando, chamando pela filha. Põe mão sobre um corpo, sente-o gelado e grita com pavor: “Foi Roma!” — Não! responde Hena, foi o amor!

A pobre velha, arquejando, allucinada, chama muitas vezes ainda pela filha que não mais lhe responde, muda á sua dôr.

Sóbe ao auge o desespero da velha Margarida. Já não é a dôr nem o soffrimento: é a loucura. Ultima sobrevivente á catastrophe medonha, ella desvaira ante o cadaver da filha e diz soturnamente:

“A morte anda solta, a morte anda solta.”

Ergue-se então, de braços abertos, tragica, solenne, desvairada, e nos restos da sua ruina moral caminha vagarosamente, sempre para deante, balbuciando mysteriosamente:

“Vamos a ver se encontramos a morte!”.

LEOPOLDO MIGUEZ

Filho de hespanhol e de brasileira, nasceu Leopoldo Miguez no Rio de Janeiro, a 9 de Setembro de 1850 e falleceu a 6 de Julho de 1902.

Foi educado na Europa, de onde voltou com 19 annos, empregando-se no commercio, como guarda-livros; sete annos depois fundou, com Arthur Napoleão, a casa de musicas que ainda hoje tem o nome do eminente pianista, na capital da Republica.

Tornou á Europa em 1822, aperfeiçoou-se na musica, foi alumno de Moreira de Sá, no Porto, voltou ao Brasil, foi regente de orchestra, autor do projecto para a criação do actual Instituto de Musica, do qual foi nomeado director.

Suas principaes obras são: "Marcha nupcial" (1876), "Ouverture em sol" (1877), "Marcha elegiaca a Camões" (1880), "Symphonia em si bemol" (1882), "Scena dramatica" (1883), os tres poemas symphonicos: "Parisina" (1888), "Ave Libertas!" (1890), "Prometheu" (1891), "Ode funebre a Benjamin Constant", "Hymno da Proclamação da Republica", "Ce que c'est que la mort" (ode symphonica, com córos, dedicada a Victor Hugo), "Suite à l'antique" (6 numeros), varias outras composições, entre as quaes, uma "Sonata", para piano e violino, e finalmente, "Saldunes".

Filiado á escola wagneriana, por temperamento e por estudo, foi o primeiro no Brasil a assimilar os processos do

reformador de Bayreuth, disso se resentindo "Saldunes", opera que elle dedicou a Luiz de Castro, o reputado critico de arte, seu amigo intimo e que foi, entre nós, o mais fervoroso propagandista do wagnerismo.

Tendo ganho o premio de 20 contos no concurso para o "Hymno da Proclamação da Republica", cedeu essa importancia ao Instituto de Musica, para a aquisição de um organ.

Tambem os direitos autoraes da partitura de "Saldunes" pertencem áquelle Instituto, por doação do seu antigo director.



COMISSÃO DE
OBRAS DO
ESTADO DE
S. PAULO